

A DIREITA NA REDE: MOBILIZAÇÃO ONLINE NO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF¹

Claudio Luis de Camargo Penteado
Professor e pesquisador na UFABC
✉ claudio.penteado@ufabc.edu.br

Celina Lerner
Doutoranda na UFABC
✉ celina.lerner@ufabc.edu.br

Resumo: O artigo apresenta uma análise sobre a mobilização online dos grupos de direita no debate sobre o impeachment de Dilma Rousseff no Facebook. Com o objetivo de descobrir as características desses grupos de direita na rede, o artigo realizou um estudo das comunidades de direita que atuaram diretamente no debate nas redes sociais, por meio da extração e análise de dados do Facebook. Os resultados apontam que existe uma grande variedade de clusters, com diferentes características temáticas e ideológicas, que se articularam em torno da produção de uma narrativa discursiva antipetista.

Palavras-chave: Direita na rede; Impeachment Dilma Rousseff; mobilização online; Facebook.

Abstract: The article presents an analysis of the online mobilization of right-wing groups in the debate on Dilma Rousseff's impeachment on Facebook. With the objective of discovering the characteristics of these right-wing groups in the network, the article carried out a study of the right-wing communities that acted directly in the debate on social networks, through the extraction and analysis of data from Facebook. The results indicate that there is a great variety of clusters, with different thematic and ideological characteristics, that have been articulated around the production of an antipetista discursive narrative.

Keywords: Right on the network; Impeachment Dilma Rousseff; online mobilization; Facebook.

¹ Artigo apresentado no seminário "Conservadorismo, Novas Direitas e Grupos Insurgentes" organizado pela Associação Brasileira de Ciência Política - Regional Sudeste e NEAMP / PUC SP. São Paulo, 29 de março de 2018.

Introdução

A eclosão da onda de protestos que tomaram as ruas em junho de 2013 em várias cidades brasileiras chamou a atenção para o poder das mídias sociais como ferramenta de mobilização política e expressão de indignação e esperança (CASTELLS, 2017), como espaço alternativo de produção de informação política (PERUZZO, 2013) e colocando em discussão os modelos emergentes de participação institucional (ROMÃO, 2013).

No campo da comunicação política, o uso das redes sociais já havia se destacado a partir da campanha digital vitoriosa Obama em 2008, principalmente pela arrecadação online e o engajamento de jovens por meio das redes sociais. A campanha de Obama não foi a primeira a usar os recursos, mas a repercussão alcançada criou um novo paradigma de marketing político digital, que passou a dar maior destaque para o uso das redes sociais (GOMES et al., 2009).

No Brasil, as Jornadas de junho de 2013 despertaram a atenção da Ciências Sociais e da sociedade em geral para a importância das redes sociais dentro do atual contexto social de crise de representação e a emergência de novas formas de mobilização e expressão política (GOHN, 2014; MARICATO et al., 2013; SINGER, 2013). A arquitetura em rede distribuída da internet e a popularização das redes sociais possibilitou que diversos grupos, organizações, coletivos e pessoas utilizarem as redes sociais para expressarem e compartilharem suas posições políticas de diferentes matizes ideológicas. As manifestações que tiveram início com um protesto contra o aumento da tarifa na cidade de São Paulo, se espalharam pelo país aglutinando novas demandas e pautas (SINGER, 2013), e um deslocamento discursivo em direção a valores conservadores (JARDIM PINTO, 2017).

Nas eleições de 2014 às redes sociais foram um espaço para o embate não somente entre as campanhas, mas também entre os eleitores e militantes. A

campanha de 2014 foi marcada pela radicalização ideológica entre direita e esquerda (CHAIA, BRUGNAGO, 2014), expressões de ódio (WAINBERG, MILLER, 2017) e um clima hostil contra Dilma Rousseff em sua campanha de reeleição (PENTEADO et al., 2014).

As redes sociais também foram um importante espaço e ferramenta de mobilização dos grupos em favor do impeachment de Dilma Rousseff, recém eleita em 2014 por uma pequena margem de votos, nos anos de 2015 e 2016 (DE FRANÇA et al., 2018a; PENTEADO, GUERBALI, 2016). ordem alfabética

A mobilização online em prol do impeachment, principalmente pelo uso de mídias sociais, teve a importância participação de grupos políticos de direita emergentes como Movimento Brasil Livre (MBL) e o VemPraRua, assim como outros perfis de direita já com grande visibilidade dentro das redes sociais como Movimento Contra a Corrupção e o Revoltados Online. O movimento pró impeachment também contou com o apoio de partidos políticos da oposição ao governo petista, de segmentos da mídia (grandes empresas de comunicação, jornalistas, grupos de mídia online e celebridades), grupos conservadores e militaristas como o Força Patriótica - Comando Nacional de Caça aos Corruptos e alguns a favores da intervenção militar na divulgação de conteúdos antipetista e anticomunista na sua rede.

O MBL é um grupo político que se caracteriza pelo rápido crescimento de seguidores dentro das redes sociais². Fundado em novembro de 2014, o MBL está associado a organização Estudantes Pela Liberdade e defesa de valores e ideais liberais e um posicionamento antipetista (SILVA, 2016). Suas lideranças são formadas por jovens com grande capacidade de comunicação nas mídias sociais e com trânsito no meio político tradicional. Nas eleições municipais de 2016,

² Há rumores que o MBL recebeu apoio financeiro de grupos de think tanks conservadores americanos e empresários nacionais. Reportagem publicada pela Agência Pública em 23/06/2015. Disponível em: <<https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>>

algumas das lideranças foram eleitas vereadores, com expressivas votações, por diferentes legendas (DEM, PSDB, PRB e PV). Após o impeachment o grupo começa a defender pautas conservadoras como o projeto Escola Sem Partido e censura à expressões artísticas como a exposição “Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira”.

O VemPraRua é um grupo que se apropriou de um dos gritos de ordem das Jornadas de Junho de 2013. Criado também no fim de 2014 (outubro de 2014), o VemPraRua se autodenomina como um movimento suprapartidário que atua na mobilização política, principalmente com o discurso de luta contra a corrupção e valores liberais.

O perfil do Revoltados On Line (ROL) no Facebook, um dos mais populares durante os protestos do impeachment, foi suspenso em agosto de 2016 (dia do afastamento de Dilma Rousseff). Liderado por Marcello Reis, o ROL ganhou destaque desde as manifestações de 2013 e se caracterizou por publicar conteúdos de críticas radicais ao PT, principalmente contra Lula. Ainda busca atuar nas mídias sociais com vídeos com a *tag* #LulaNaCadeia para o YouTube, contudo não alcança a mesma popularidade da época da página do Facebook³.

O Movimento Contra a Corrupção (MCC) tem início em janeiro de 2013. Como indica um dos seus fundadores, Ernani Fernandes⁴, o MCC tem o objetivo de produzir informações para combater a corrupção e conseguir mobilizar a população na “luta contra a corrupção”. Com forte crítica aos grupos de esquerda na política, principalmente contra o PT, suas publicações no Facebook também fazem apologia ao juiz Sérgio Moro e os procuradores da Lava-Jato.

³ Informações extraídas da reportagem publicada em 26/05/2017 na Revista <http://www.contracorrupcao.org/2013/05/por-que-lutar-contracorrupcao.html> Piauí: <http://piaui.folha.uol.com.br/o-ostracismo-do-maior-revoltado-online/>. Acesso em 19/02/2018.

⁴ Entrevista de Ernani Fernandes está disponível em: <http://www.contracorrupcao.org/2013/05/por-que-lutar-contracorrupcao.html>. Acesso em 23/02/2018.

As empresas de mídia, tradicional e alternativa, assim como jornalistas (blogueiros e twiteiros) tiveram um papel importante na difusão de conteúdos, principalmente em favor do impeachment dentro das redes sociais (DE FRANÇA et al., 2018B).

As celebridades, favoráveis ao impeachment, também tiveram um importante papel na difusão de informações (PENTEADO, GUERBALI, 2016). Por possuírem um número grande de seguidores, suas publicações possuem grande capacidade de difusão e influência. Os grupos organizadores dos protestos utilizaram em seus *feeds* publicações e declarações de celebridades para ajudar na mobilização das manifestações.

As manifestações em favor do impeachment de Dilma Rousseff ainda contaram com a participação de grupos e perfis defensores da intervenção militar, com a apresentação de faixas e gritos de ordem. Segundo a pesquisa de Pimentel Junior (2015), sobre o perfil e as motivações dos participantes das manifestações de março e abril de 2015 na cidade de São Paulo, 36% das pessoas eram favoráveis ao impeachment e a intervenção militar.

Um dos grupos favoráveis a intervenção militar que se destaca dentro das redes sociais é o Força Patriótica - Comando Nacional de Caça aos Corruptos. Com publicação de conteúdos ligados a temas militares, discurso de ordem e referências a valores liberais.

Como aponta Telles (2015, p. 38), a “nova direita” se caracteriza por um discurso antipartidário e antipetista, e “encontrou nas mídias sociais um espaço para expandir sua clientela”. Com o objetivo de descobrir quais são as características da atuação desses grupos de direita na rede, o artigo apresenta um estudo dos *clusters* de direita que atuaram diretamente no debate nas redes sociais, mais especificamente no Facebook (rede social mais popular no Brasil), durante o impeachment de Dilma Rousseff.

Por meio da extração e análise de dados do Facebook, detalhado abaixo, o artigo apresenta e analisa as principais *comunidades* que atuaram no debate online em prol do impeachment.

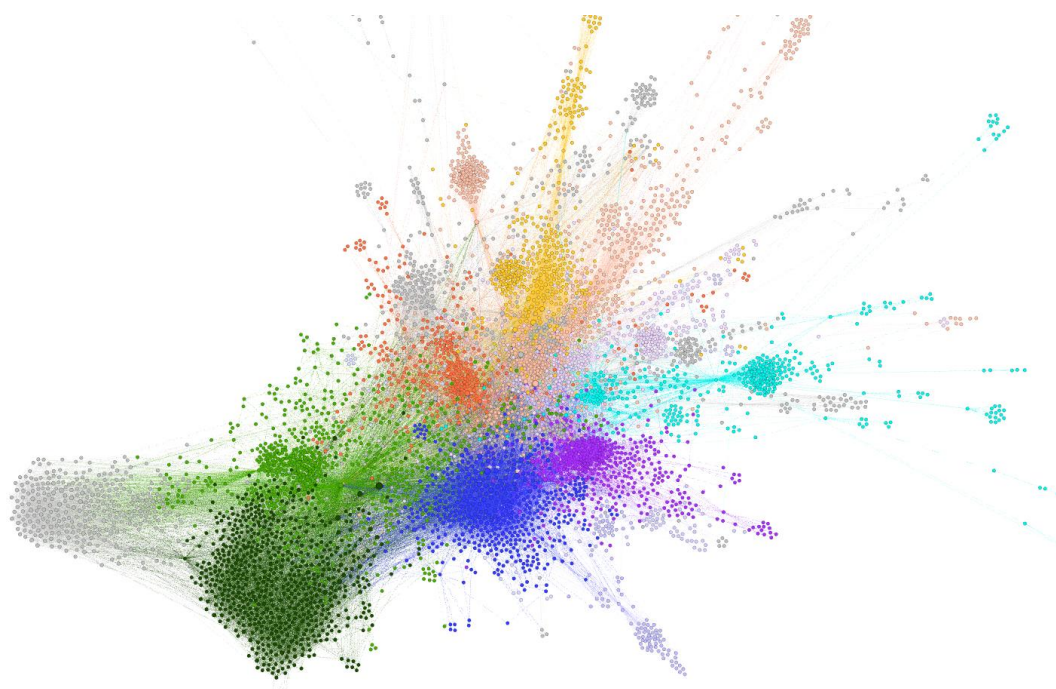
Comunidades de direita no Impeachment de Dilma Rousseff

Inicialmente identificamos as páginas públicas do Facebook dedicadas à defesa do Impeachment de Dilma Rousseff através da busca por palavras-chave: *Impeachment Dilma, Fora Dilma, Fora PT, Fora Lula, Contra corrupção, Tchau querida* e outras. As buscas com a aplicativo *Netviz* (RIEDER, 2013) retornaram mais de 1.500 páginas. Filtramos as páginas com um mínimo de 20 mil fãs, resultando num grupo de 63 páginas pró-impeachment⁵.

A partir destes dados, montamos a rede de páginas curtidas por essas 63 páginas iniciais e as páginas curtidas por aquelas com o programa *Gephi* (BASTIAN et al., 2009). Aplicamos algoritmos de espacialização (JACOMY et al, 2014) e de detecção de comunidades (BLONDEL et al, 2008; LAMBIOTTE et al, 2009) e excluimos as comunidades não relacionadas à defesa do impeachment. O resultado é a rede representada na figura 1, com quase 6 mil nós (páginas) e mais de 40 mil arestas (curtidas entre as páginas).

Figura 1 - Rede páginas pró-impeachment de Dilma Rousseff no Facebook

⁵ Os dados para esta pesquisa foram colhidos em agosto de 2017.



Fonte: Autores (2018).

As comunidades identificadas estão marcadas em cores distintas. No centro da rede, em azul, com 496 páginas, estão páginas identificadas com pautas da **direita conservadora**. As páginas de maior centralidade⁶ desta comunidade são: Jair Messias Bolsonaro; Olavo de Carvalho; Danilo Gentili; Canal da Direita; FORA Corrupção; Direita Conservadora; Direita Vive 3.0; Campanha do Armamento; Eduardo Bolsonaro; e Reinaldo Azevedo. À esquerda, estão as comunidades verde claro e verde escuro. Em escuro, páginas ligadas às **forças armadas** e, em verde claro, páginas de caráter **punitivista**, em especial com relação ao PT e à Lula. As duas comunidades são puxadas pela página Conacc - Comando Nacional de Caça aos Corruptos, que tem um comportamento bastante anômalo tendo curtido sozinha mais de 2 mil páginas. De toda forma, há várias ligações entre páginas da comunidade azul e as duas comunidades verdes.

⁶ Centralidade é uma medida de importância de um vértice em um grafo. Em análises de rede, existem diferentes tipos de medidas de centralidade. Nos referimos aqui à centralidade de grau *indegree*, isto é, o número de ligações direcionadas para o nó. Em outras palavras, os nós com maior centralidade representam as páginas que receberam mais curtidas dentro da rede.

Em rosa, na parte superior da rede, a maior comunidade com 810 páginas reúne veículos de **imprensa** tradicional como VEJA, Folha de S.Paulo, O Globo, Exame, Época e Portal R7, além de políticos ligados, principalmente ao partido DEM, como Ronaldo Caiado e Onyx Lorenzoni. Logo acima, está o grupo amarelo, com 404 páginas e forte ligação ao **PSDB**. As páginas de maior centralidade são: Aécio Neves, PSDB, Álvaro Dias, Fernando Henrique Cardoso, José Serra, Geraldo Alckmin, Carlos Sampaio, Aloysio Nunes Ferreira, Conversa com os Brasileiros e Observador Político. A esquerda desses agrupamentos e mais ao centro do gráfico está a comunidade laranja, com 359 páginas, relacionadas ao **MCC - Movimento Contra Corrupção**. Além da página do movimento, as de maior centralidade são: Juventude Contra Corrupção, Movimento Contra Corrupção - São Paulo, Dia do Basta, NasRuas e Política na Rede. Destaca-se também na comunidade laranja a presença de veículos próprios das mídias digitais e aparentemente não ligados a grandes empresas como Folha Política e TV Revolta. Há forte ligação entre a comunidade laranja e a comunidade verde claro.

Comentários gerais sobre os resultados

Os dados encontrados ilustram que os grupos que atuaram dentro do debate em favor do impeachment de Dilma Rousseff no Facebook é composto por diferentes *comunidades* (cada qual com seu viés específico), mas que se interligam e em alguns casos até se sobrepõem. Os diversos grupos mostram uma coesão (a formação de uma rede) pois têm o mesmo objetivo político: o afastamento de Dilma Rousseff.

Muitas páginas identificadas são responsáveis pela conexão entre as comunidades, por exemplo, a página de Jair Bolsonaro tem maior popularidade na comunidade da direita conservadora, contudo também possui conexões com as comunidades do Exército e da direita com discurso “punitivista”.

Os dados também ilustram que existe uma forte densidade entre as comunidades da direita conservadora (que de certa forma serviu como referência ideológica para os demais *clusters* da direita), as páginas ligadas aos grupos militares (aqui identificados como exército), a comunidade punitivista e a comunidade liberal (agrupado em torno do MBL). A figura também indica que existe maior proximidade entre os *clusters* do VemPraRua, com as páginas de mídia, políticos da oposição (principalmente PSDB e DEM) e a comunidade das páginas contra a corrupção.

A figura 2 ajuda, ainda, a identificar as páginas que tiveram maior centralidade: Exército Brasileiro, Jair Bolsonaro, MBL, Veja, Folha de São Paulo, Aécio Neves, Movimento Contra a Corrupção, Estadão, VemPraRua e Olavo de Carvalho. Essa variedade de perfis permite verificar que os principais nós da rede da direita reúnem páginas diversas que variam desde políticos tradicionais (Aécio Neves), políticos representantes do setor conservador e militar (Jair Bolsonaro), novos grupos de direita (MBL, MCC e VemPraRua), ideólogos de direita (Olavo de Carvalho) e a mídia tradicional (Veja, Folha SP e Estadão).

Considerações finais

A direita nas redes sociais de internet conseguiu mobilizar diferentes setores e segmentos da sociedade durante os protestos contra Dilma Rousseff nos anos de 2015 e 2016. Como aponta Castells (2013), o poder na sociedade em rede é o poder da comunicação, isto é, os grupos de direita, com diferentes matizes, conseguiram *programar* as diferentes *comunidades* com a produção de conteúdos que conseguiram tecer uma narrativa que associou as investigações de corrupção ligadas à Lava-jato com o governo petista e direcionar os protestos para pressionar em favor do impeachment. A rede de direita se caracteriza por conseguir estabelecer *conexões* com diferentes setores da sociedade, com celebridades, setores

e atores da mídia tradicional e apoio de empresários, criando condições para a ampliação do poder mobilização política e de recursos.

A direita na rede que atuou no debate político do impeachment também conseguiu se articular em torno de uma *identidade* anti PT, anti Corrupção e anti Comunismo. A produção do discurso que conseguiu associar o Partido dos Trabalhadores com a corrupção e os “perigos do comunismo”, permitiu formar uma frente ampla de direita que se articulou na construção de uma identidade de um “nós” (cidadãos de bem) em oposição a “eles” (esquerda, petistas, comunistas). Como indica Mouffe (2005) em sua construção teórica de seu modelo de democracia agonística, o político, em sua essência passional e conflitiva, inerente às relações humanas, se estabelece pela distinção discursiva da criação de um nós em oposição a eles. Assim, a rede de direita conseguiu agrupar em torno de si perfis e páginas com posicionamentos políticos, sociais e ideológicos diferenciados, mas agrupados em uma “identidade de direita” na luta para “tirar o PT do poder”.

O referencial de *network analysis* (PORTUGAL, 2007) ainda permite destacar que a rede de direita no Facebook se caracteriza pela existência de alguns nós, que por seu capital social (dentro e fora da internet), ajudaram a produção do discurso e, principalmente, na difusão de uma interpretação de uma conjuntura específica. A presença da mídia tradicional na rede, demonstra que esta também teve um papel central: na produção de conteúdos que alimentaram a construção da narrativa; na divulgação e mobilização para os eventos de protesto; e na validação da perspectiva que criminalização do PT expressa em suas reportagens e análises.

Com o afastamento de Dilma Rousseff em 2016, a direita nas redes perde seu elemento unificador (identidade). Os grupos políticos rumam por caminhos diferentes e mostram sua fragmentação temática e ideológica, assim como contradições. Alguns actantes importantes da rede perdem a centralidade, outros migram dentro das comunidades para se realinhar a uma nova conjuntura. Essa

fragmentação deve ser expressa na formação das chapas presidenciais para as eleições de 2018, principalmente se Lula não puder ser candidato à presidência.

Referências

- BASTIAN, M.; HEYMANN, S.; JACOMY, M. Gephi: an open source software for exploring and manipulating networks. *International AAAI Conference on Weblogs and Social Media*, 2009.
- BLONDEL, V. D.; GUILLAUME, J. L.; LAMBIOTTE, R.; LEFEBRE, E. Fast unfolding of communities in large networks. *Journal of statistical mechanics: theory and experiment*, v. 10, P10008, 2008.
- CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Zahar, 2017.
- CASTELLS, M. *Communication Power*. OUP Oxford, 2013.
- DE FRANÇA, F. O.; GOYA, D. H.; DE CAMARGO PENTEADO, C. L. *User profiling of the Twitter Social Network during the impeachment of Brazilian President*. *Social Network Analysis and Mining*, v. 8, n. 1, p. 5, 2018a
- DE FRANÇA, F.; GOYA, D.; PENTEADO, C. C.. *Analysis of the Twitter Interactions during the Impeachment of Brazilian President*. In: *Proceedings of the 51st Hawaii International Conference on System Sciences*. 2018b.
- GOHN, M. G. *A sociedade brasileira em movimento: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais*. Caderno CRH, v. 27, n. 71, p. 431-441, 2014.
- JARDIM PINTO, C. R. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). *Lua Nova*, n.100, p. 115-119, 2017.
- JACOMY, M.; VENTURINI, T.; HAYMANN, S.; BASTIAN, M. ForceAtlas2, a continuous graph layout algorithm for handy network visualization designed for the Gephi software. *PLoS one*, n. 6, 2014.
- LAMBIOTTE, R.; DELVENNE, J.-C.; BARAHONA, M. L. Laplacian dynamics and multiscale modular structure in networks. arXiv preprint arXiv:0812.1770, 2008.
- MARICATO, E.; HARVEY, D.; ROLNIK, R.; BRAGA, R.; DAVID, M.; VAINER, C. . *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.
- GOMES, W., FERNANDES, B., REIS, L., and SILVA, T. "Politics 2.0": Barack Obama's on-line 2008 campaign. *Revista de Sociologia e Política*, v. 17, n. 34, p.29-43, 2009.
- PENTEADO, C. L.; GOYA, D. H.; DE FRANÇA, F. O. O debate político no twitter nas eleições presidenciais de 2014 no brasil. *Em Debate*, v. 6, n.6, p. 47-54, 2014.
- PENTEADO, C. L.; GUERBALLI, J. G. As manifestações do impeachment no Twitter: uma análise sobre as manifestações de 2015. *Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais*, n.19, 2016.
- PERUZZO, C. M. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”(?). *MATRIZES*, v. 7, n. 2, 2013.
- PIMENTEL JUNIOR, J. *Impeachment, oposição e autoritarismo—o perfil e demanda dos manifestantes em São Paulo*. 2015.

CLAUDIO PENTEADO, CELINA LERNER
A DIREITA NA REDE: MOBILIZAÇÃO ONLINE NO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF

- PORTUGAL, Sílv. *Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica*. Oficina nr 271 do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES), 2007.
- RIEDER, B. *Studying Facebook via data extraction: the Netviz application*. *WebSci'13 conference*, Paris, 2–4 May, p. 346–355, 2013.
- ROMÃO, W. M. *As manifestações de junho e os desafios à participação institucional*. *Boletim de análise político-institucional*, p. 11-17, 2013.
- SILVA, D. G. F. *Identidade em ambiente virtual: uma análise da rede estudantes pela liberdade*. Dissertação (mestrado), Universidade de Brasília, Instituto de Ciência Política, 2016.
- SINGER, A. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. *Novos Estudos-CEBRAP*, v.97, p. 23-40, 2013.
- TELLES, H. Corrupção, antipetismo e nova direita: elementos da crise político-institucional. *V-executivo*, v. 14, n. 2, p.36-39, 2015.
- WAINBERG, J. A.; MÜLLER, A. A. C. Eleições 2.0: Ódio nas redes durante a campanha presidencial de 2014. *Conexão-Comunicação e Cultura*, v. 16, n. 31, 2017.